

**JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY
JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1**



**ASSASSINOS EM SÉRIE: UMA ANÁLISE DO
SUJEITO ATIVO DO CRIME SOB UM OLHAR
PSICOLÓGICO**

**SERIAL KILLERS: AN ANALYSIS OF THE
ACTIVE SUBJECT OF CRIME FROM A
PSYCHOLOGICAL VIEW**

Hayla Catherine MARTINS

Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)

E-mail:

haylacatherinemartins@catolicaorione.edu.br

Jordana Carmo de SOUSA

Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)

E-mail: jordana@catolicaorione.edu.br



RESUMO

O Presente estudo tem como base observar o comportamento frio e cruel do sujeito que pratica assassinatos em série, visando apresentar um pequeno panorama de análises feito por Profissionais de Direito, Psicologia e Psiquiatria, onde os mesmos tentam encontrar respostas para entender: o que leva alguns homens ou até mesmo mulheres a ignorar leis? Diante do estudo, chegou-se ao seguinte questionamento: Qual o perfil criminológico do Sujeito Ativo do Crime nos casos de assassinatos em série? Assim, o trabalho foi desenvolvido sob a preocupação central de contribuir identificando problemas e formulando hipóteses que, por sua vez sejam geradores de conhecimento e, portanto de novas interrogações. Não se trata de pesquisa de avaliação, mas sim de pesquisa explicativa, com recurso à análise documental e análise de casos.

Palavras-chave: Direito. Psicologia. Perfil criminológico.

ABSTRACT

The present study is based on observing the cold and cruel behavior of the subject who practices serial murders, aiming to present a small overview of analyzes made by Law, Psychology and Psychiatry Professionals, Where They try to find answers to understand: what takes some men or even women to ignore laws? In view of the study, the following question was raised: What is the criminological profile of the Active Subject of Crime in serial murder cases? Thus, the work was developed under the central concern of contributing by identifying problems and formulating hypotheses that, in turn, are generators of knowledge and, therefore, of new questions. This is not an evaluation research, but an explanatory research, using document analysis and case analysis.

Keywords: Right. Psychology. Criminological profile.

INTRODUÇÃO

Assassinatos em série não existem apenas nos Estados Unidos, essa é uma realidade que independe de geografia, já que se trata da natureza humana, no qual atitudes violentas fazem parte do nosso convívio social. Porém, o crime cometido em série, ainda é capaz de causar muita estranheza e curiosidade acerca dos limites humanos. As falhas no tratamento

Hayla Catherine MARTINS; Jordana Carmo de SOUSA. ASSASSINOS EM SÉRIE: UMA ANÁLISE DO SUJEITO ATIVO DO CRIME SOB UM OLHAR PSICOLÓGICO. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. FLUXO CONTÍNUO. JULHO/2022. Ed. 38. V. 1. Págs. 94-107. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

desses assassinos podem ser decisivas no tocante ao destino que os mesmos poderão levar. No Brasil, não há uma separação, por isso, os condenados por quaisquer crimes recebem um mesmo tratamento do Judiciário.

É desrespeitado o princípio da individualização da pena, encontrada em nossa Carta Magna, em seu artigo 5º, inciso XLVI, onde assegura que “*a lei regulará a individualização da pena e adotará, entre outras, as seguintes: a)privação ou restrição da liberdade; b)perda de bens; c)multa; d)prestação social alternativa e suspensão ou interdição de direitos*”, haja vista que nas penitenciárias há condenados com diferentes tipos de personalidades. Mesmo assim, não se vê esforço algum, por parte do Estado para tentar mudar essa realidade por meio de análises individuais das diferenças entre os indivíduos que cometem ilícitos.

Assim, chegou-se ao seguinte questionamento: Qual o perfil criminológico do Sujeito Ativo do Crime nos casos de assassinatos em série? Ao estudar os casos de assassinatos em série, nota-se que há um comportamento impulsivo, o que resulta em ações destruidoras em todos os sentidos, indicando talvez o limite da crueldade do homem. O ser humano já nasce com uma predisposição para a maldade e só pelo desenvolvimento da nossa cultura é possível alcançar o bom senso e jamais atravessar a fronteira do respeito ao direito do próximo.

Porém, é justificável ressaltar que ninguém já nasce um verdadeiro matador em série, assim como não se adquire tal instinto de um dia para o outro, pois há uma série de fatores que contribuem para o fato. A infância, adolescência e a história de vida de cada sujeito devem ser consideradas e analisadas, pois, muitas vezes a resposta aos nossos questionamentos encontra-se nesta reflexão, sobre o histórico individual do ser humano.

Desse modo, vê-se no Brasil a urgente necessidade de investimentos destinados a estudos e pesquisas, que visem elucidar os questionamentos acerca do comportamento e do perfil criminológico do sujeito ativo de crimes em série, pois, apesar de vários casos confirmados, temos pouco material sobre o assunto, ou seja, os profissionais, principalmente aqueles ligados direta ou indiretamente à Segurança Pública, precisam enveredar de forma mais aprofundada na intrigante dimensão da mente humana, sendo capaz de produzir pessoas que desconhecem limites e não reagem às sanções.

O objetivo geral do presente estudo é evidenciar o que este agente criminoso tem que o distingue do cidadão comum, com relação ao seu comportamento sofisticado e premeditado. Objetiva-se, assim, demonstrar as manifestações da conduta delinquencial,

com investigação em função da personalidade do criminoso e de seu inseparável contexto social.

Para que seja possível alcançar o objetivo central deste trabalho, foi necessário percorrer o seguinte caminho: definir o que vem a ser “assassinos em série”; identificar os parâmetros que norteiam o estudo do perfil criminológico do sujeito ativo dos crimes em série; evidenciar a necessidade de uma política criminal adequada aos assassinos em série e analisar o que pode contribuir para que um ser humano se transforme num verdadeiro matador.

O estudo foi desenvolvido sob a preocupação central de contribuir detectando quais as maiores dificuldades e redigindo hipóteses que, por sua vez sejam criadoras de conhecimento e, portanto, de novas interrogações. Não se trata de pesquisa de avaliação, mas sim de pesquisa explicativa, com recurso à análise bibliográfica, documental, doutrinária e análise de casos.

O PSICOLÓGICO DOS ASSASSINOS EM SÉRIE: SURGIMENTO CONCEITOS E ASPECTOS GERAIS

Os assassinos em série também são chamados de *serial killers*, expressão de origem americana usada desde a década de 70. Antes disso, eram denominados de *stranger killer* (Assassino Desconhecido), pois grandes estudiosos acerca desse tema acreditavam que os criminosos não conheciam suas vítimas. Segundo Casoy (2008), o nome *serial killer* foi empregado pela primeira vez por um agente aposentado do FBI (Federal Bureau of Investigation) chamado Robert K. Ressler que, por sua vez, foi um grande estudioso do assunto. A partir daí, o termo foi rapidamente difundido e adotado por profissionais. Em 1888, veio o aterrorizante Jack, “O Estripador”, que atuou na capital da Inglaterra, destarte, considerado o primeiro assassino oficialmente cognominado de *serial killer*.

Jack, O Estripador, aterrorizou as ruas de Londres no fim do século XIX, em 1888, quando assassinou brutalmente pelo menos cinco mulheres, todas prostitutas. Até hoje, ninguém sabe a identidade dele. Como seus seguidores, tinha prazer em zombar da polícia e enviar cartas aos jornais gabando-se de seus feitos. Era canibal e arrancou os órgãos internos de quatro de suas vítimas. Chegou a enviar em uma carta um pedaço do rim de uma delas, quando as autoridades duvidaram da autenticidade de suas mensagens (CASOY, 2008, p. 46).

No Brasil, de acordo com Gallo (2005), o primeiro caso de assassinato em série ocorreu na década de 1920, em São Paulo. O assassino chamava-se José Augusto do Amaral, que confessou a prática dos crimes, mas morreu antes mesmo de ser julgado.

As supostas vítimas de Preto Amaral, como era conhecido, foram atacadas em menos de um mês. Em 5 de dezembro de 1926, Antônio Sanchez, 27 anos, foi achado morto no Campo de Marte, zona norte, após aceitar um convite para almoçar. (...) José Felipe de Carvalho, 12 anos, abordado na véspera do Natal, quando ia para a missa, foi também levado para o Campo de Marte, estrangulado e estupro. A última vítima foi Antônio Lemes, 15 anos, morto em 1º de janeiro de 1927, depois de ganhar um almoço (GALLO, 2005, p. 10).

Logo após isso, os casos de assassinatos em série no Brasil aumentaram cada vez mais. Um dos matadores mais famosos é o do motoboy Francisco de Assis Pereira, conhecido como “Maníaco do Parque”. Alhures, estudaremos detalhadamente, em capítulo próprio, esses e outros casos que chocaram o País.

No Brasil, de acordo com Gallo (2005), o primeiro caso de assassinato em série ocorreu na década de 1920, em São Paulo. O assassino chamava-se José Augusto do Amaral, que confessou a prática dos crimes, mas morreu antes mesmo de ser julgado.

As supostas vítimas de Preto Amaral, como era conhecido, foram atacadas em menos de um mês. Em 5 de dezembro de 1926, Antônio Sanchez, 27 anos, foi achado morto no Campo de Marte, zona norte, após aceitar um convite para almoçar. (...) José Felipe de Carvalho, 12 anos, abordado na véspera do Natal, quando ia para a missa, foi também levado para o Campo de Marte, estrangulado e estupro. A última vítima foi Antônio Lemes, 15 anos, morto em 1º de janeiro de 1927, depois de ganhar um almoço (GALLO, 2005, p. 10).

Logo após isso, os casos de assassinatos em série no Brasil aumentaram cada vez mais. Um dos matadores mais famosos é o do motoboy Francisco de Assis Pereira, conhecido como “Maníaco do Parque”. No tocante à definição do que vem a ser um assassino em série é importante ressaltar que: não há características exatas para tal identificação, pois elas variarão de indivíduo para indivíduo, podendo cada um apresentar suas peculiaridades próprias.

Nas exatas palavras de Casoy (2008), podemos definir assassinos em série como:

Indivíduos que cometem uma série de homicídios durante algum período de tempo, com pelo menos alguns dias de intervalo entre esses homicídios. O intervalo entre um crime e outro os diferencia dos assassinos de massa, indivíduos que matam várias pessoas em questão de horas (CASOY, 2008, p. 19).

Para alguns estudiosos, a melhor e mais completa definição de assassino em série é dada pelo INSTITUTO NACIONAL DE JUSTIÇA, no ano de 1988, que diz ser:

Uma série de dois ou mais assassinatos cometidos como eventos separados, normalmente, mas nem sempre, por um infrator atuando isolado. Os crimes podem ocorrer durante um período de tempo que varia desde horas até anos. Quase sempre o motivo é psicológico, e o comportamento do infrator e a evidência física observada nas cenas dos crimes refletiram nuances sádicas e sexuais (ASSASSINO..., 2011).

Outro ponto de extrema relevância para a definição desse tipo de assassino é o que o motiva ao ato criminoso que nos é dado por Casoy (2008, pp. 18-19):

O motivo do crime, ou mais exatamente a falta dele, é muito importante para a definição de um assassino como serial. As vítimas parecem ser escolhidas ao acaso e mortas sem nenhuma razão aparente. Raras são às vezes em que o serial killer conhece suas vítimas. Ela representa, na maioria dos casos, um símbolo. Na verdade, ele não procura uma gratificação no crime, apenas exercita seu poder e controle sobre outra pessoa, no caso, a vítima (CASOY, 2008, pp.18-19).

Ainda de acordo com a criminologista Casoy (2008), temos quatro tipos de assassinos em série:

1. Visionários: são totalmente fora da realidade, pois ouvem vozes que lhe descrevem exatamente como o crime deve ser praticado. O criminoso diz apenas obedecer a essas vozes, por isso são considerados psicóticos insanos. **2. Missionário:** demonstram ser aparentemente normais, mas por dentro querem “salvar” o mundo da impureza e imoralidade, pois acreditam que tal responsabilidade está sobre eles. **3. Emotivo:** matam porque vão sentir alguma emoção diferente. Esse tipo de assassino em série costuma ser o mais atroz, pois só o fato de planejar a morte de suas vítimas lhe proporciona um verdadeiro prazer. **4. Sádico:** são, geralmente, assassinos sexuais. Seu prazer está ligado ao sofrimento da vítima, pois quanto mais ela sofre, mais prazer este tipo de matador sentirá em cometer o crime. Por isso, são considerados extremamente cruéis (CASOY, 2008, p.19).

Nesse sentido, Ballone (2000) afirma que pessoas que sofrem desse tipo de transtorno, apenas não vivem como os demais, ou seja, no grau de “normalidade” que todos devem apresentar, porém, mesmo assim, elas “não chegam a preencher os critérios para um transtorno mental franco.” De acordo com Koch e Rosa (2011), “as causas destes transtornos geralmente são múltiplas, mas relacionadas com as vivências infantis e as da adolescência do indivíduo.”

De tal modo, não existe um motivo específico que leve o indivíduo a possuir um transtorno de personalidade, podendo ser uma questão genética ou até mesmo problemas neurológicos adquiridos na infância. Segundo Ballone (2000), a Organização Mundial de Saúde, considera que:

Estes tipos de condição (Transtornos de Personalidade) abrangem padrões de comportamento profundamente arraigados e permanentes, manifestando-se como respostas inflexíveis a uma ampla série de situações pessoais e sociais. Eles representam desvios extremos ou significativos do modo como o indivíduo médio, em uma dada cultura, percebe, pensa, sente e, particularmente, se relaciona com os outros. Tais padrões de comportamento tendem a ser estáveis e a abranger múltiplos domínios de comportamento e funcionamento psicológico. Eles estão frequentemente, mas não sempre, associados a graus variados de angústia subjetiva e a problemas no funcionamento e desempenho sociais (BALLONE, 2000, p.15).

Em relação ao tratamento desses transtornos, Koch e Rosa (2011) deixam claro que “é bastante difícil e igualmente demorado, pois, em se tratando de mudanças de caráter, o indivíduo terá de mudar o seu próprio ‘jeito de ser’ para que o tratamento seja efetivo.”

O psicólogo canadense Robert Hare (apud SILVA, 2008) montou no ano de 1991, um questionário chamado PCL (ou, psychopathy checklist), que une características capazes de ajudar a diagnosticar o perfil de um psicopata. Porém, o questionário só pode ser utilizado por profissionais qualificados e bem treinados, para que não haja qualquer tipo de preconceito ou discriminação.

O PCL examina de forma detalhada diversos aspectos da personalidade psicopática, desde os ligados aos sentimentos e relacionamentos interpessoais até o estilo de vida dos psicopatas e seus comportamentos evidentemente antissociais (transgressores) (SILVA, 2008, p. 68).

Entre as características que são citadas por Narloch (2006 apud SILVA, 2008) e demais estudiosos da área, podemos destacar as seguintes:

Charme

Tem facilidade em lidar com as palavras e convencer pessoas vulneráveis. Por isso, torna-se líder com frequência. Seja na cadeia, seja em multinacionais.

Inteligência

O QI costuma ser maior que o da média: alguns conseguem se passar por médico ou advogado sem nunca ter acabado o colegial.

Ausência de culpa

Não se arrepende nem têm dor na consciência. É mestre em botar a culpa nos outros por qualquer coisa. Tem certeza de que nunca erra.

Espírito sonhador

Vive com a cabeça nas nuvens. Mesmo se a situação do sujeito estiver miserável, ele só fala sobre as glórias que o futuro lhe reserva.

Habilidade para mentir

Não vê diferença entre sinceridade e falsidade. É capaz de contar qualquer lorota como se fosse a verdade mais cristalina.

Egoísmo

Faz suas próprias leis. Não entende o que significa "bem comum". Se estiver tudo ok para ele, não interessa como está o resto do mundo.

Frieza

Não reage ao ver alguém chorando e termina relacionamentos sem dar explicação. Sabe o cara que "foi comprar cigarro e nunca mais voltou?" Então

Parasitismo

Quando consegue a confiança de alguém, suga até a medula. O mais comum é pedir dinheiro emprestado e deixar para pagar no dia 31 de fevereiro (NARLOCH, SILVA, 2006, p. 68).

Diante disso, esses atributos básicos nos ajudam a identificar o psicopata típico que podem ser encontrados onde menos imaginamos, como por exemplo, no mercado de trabalho, por isso é preciso ficar atento a cada um deles para não sermos mais uma de suas vítimas.

O Dr. Robert Hare, psicólogo da University of British Columbia, completou um estudo sobre como as ondas cerebrais monitoradas de psicopatas reagem à linguagem verbal, medindo as mudanças que ocorriam em seu cérebro quando ouviam palavras como câncer, morte, mesa ou cadeira. Para as pessoas saudáveis, as ondas cerebrais têm sua atividade modificada rapidamente, dependendo da palavra ouvida. Para os psicopatas, nenhuma atividade cerebral especial foi registrada, ou seja, todas as palavras são neutras para estas pessoas (CASOY, 2008, p. 37).

Os psicopatas têm a capacidade de despedaçar um corpo humano, como se estivessem cortando um pedaço de carne bovina qualquer. Na verdade, para eles não há muita diferença entre um e outro, uma vez que se trata de meros pedaços de carne.

PSICOPATIA E ALGUNS CASOS DE PSICOPATAS

Frequentemente, nos deparamos com os mais variados meios de comunicação noticiando crimes cada vez mais bárbaros, que para a sociedade em geral se torna difícil. Vale ressaltar que nem todo criminoso é psicopata, assim como nem todo psicopata é um criminoso. No caso dos assassinos em série, que são verdadeiros assassinos reincidentes, o índice de psicopatia é muito grande, quase podendo ser generalizado.

Estudos revelam que a taxa de reincidência criminal (capacidade de cometer novos crimes) dos psicopatas é cerca de duas vezes maior que a dos demais criminosos. E quando se trata de crimes associados à violência, a reincidência cresce para três vezes mais (SILVA, 2008, p. 133).

De acordo com Siena (2011, s/p), “[...] o fato é o de que 90% (noventa por cento) dos denominados ‘assassinos em série’ apresentam sintomas de psicopatia. Daí surge uma

íntima relação entre uma figura e outra”. Quando se trata desse assunto, chama bastante atenção, a fábula narrada pela autora Ana Beatriz Barbosa Silva, em seu livro “Mentes Perigosas: o psicopata mora ao lado”:

O escorpião aproximou-se do sapo que estava à beira do rio. Como não sabia nadar, pediu uma carona para chegar à outra margem. Desconfiado, o sapo respondeu: “Ora, escorpião, só se eu fosse tolo demais! Você é traiçoeiro, vai me picar, soltar o seu veneno e eu vou morrer.” Mesmo assim o escorpião insistiu, com o argumento lógico de que se picasse o sapo ambos morreriam. Com promessas de que poderia ficar tranquilo, o sapo cedeu, acomodou o escorpião em suas costas e começou a nadar. Ao fim da travessia, o escorpião cravou o seu ferrão mortal no sapo e saltou ileso em terra firme. Atingido pelo veneno e já começando a afundar, o sapo desesperado quis saber o porquê de tamanha crueldade. E o escorpião respondeu friamente: - Porque essa é minha natureza! (SILVA, 2008, p. 15).

Essa estória ilustra um pouco do que vem a ser um psicopata. Como visto, trata-se de “natureza”, porque, para muitos profissionais da psiquiatria, os indivíduos considerados psicopatas já nasceram nessa condição, ou seja, nada pode mudar essa realidade, pois é algo nato que já faz parte de sua índole.

O conceito de psicopatia foi evoluindo ao longo da história. Dentre muitos, podemos destacar dois que contribuíram bastante para o estudo do tema.

O primeiro conceito foi emitido em 1923, por um psiquiatra alemão chamado Schneider (apud RAMOS, 2002, p.34), que foi bastante criticado e dizia:

As personalidades psicopáticas são personalidades anormais, cujo caráter anormal lhes faz sofrer ou faz sofrer a sociedade. [...] os psicopatas são personalidades anormais que em função do caráter anormal de sua personalidade, mais ou menos marcadas segundo as situações, as coloca, em todas as circunstâncias, em conflitos internos e externos (RAMOS, 2002, p.34).

O segundo foi dado em 1959, por Cleckley, o mesmo afirma que: “O psicopata é uma pessoa altamente social, agressiva e impulsiva, que carece (às vezes, não inteiramente) de sentimento de culpa e que é incapaz de criar laços afetivos duradouros com outras pessoas” (RAMOS, 2002, pp. 34-35). Nota-se que essas definições não estão longe da realidade de hoje, pois, atualmente, os psicopatas são tidos como: “São pessoas cujo tipo de conduta chama fortemente a atenção e que não se podem qualificar de loucos nem de débeis; elas estão num campo intermediário. São indivíduos que se separam do grosso da população em termos de comportamento, conduta moral e ética”. (BALLONE; MOURA, 2008). “Além de psicopatas, eles também recebem as denominações de

sociopatas, personalidades antissociais, personalidades psicopáticas, personalidades dissociais, personalidades amorais, entre outras” (SILVA, 2008, p. 17). Ainda de acordo com a autora, essas são nomenclaturas que significam todas as mesmas coisas, ou seja, acabam por descrever o mesmo perfil. Para os psiquiatras forenses, a estimativa é de que 1% a 3% da população é considerada psicopata. Já entre os presidiários, esse número aumenta para 20%. Portanto, trazendo esses índices para nossa realidade, de acordo com o jornalista Narloch (2006), “uma pessoa em cada 30 poderia ser diagnosticada como psicopata. E que haveria até 5 milhões de pessoas assim só no Brasil. Dessas, poucas seriam violentas.”

Os psicopatas que não são assassinos estão em escritórios por aí, muitas vezes ganhando uma promoção atrás da outra enquanto puxam o tapete de colegas. Também dá para encontrá-los de baciada entre políticos que desviam dinheiro de merenda para suas contas bancárias, entre médicos que deixam pacientes morrer por descaso, entre “amigos” que pegam dinheiro emprestado e nunca devolvem [...] (NARLOCH, 2006, s/p).

Infelizmente, a psicopatia não é fácil de ser detectada, podendo passar despercebida até mesmo pelos profissionais da área, o que nos faz acreditar que se não convivemos ou conhecemos um psicopata, é porque esse tipo de pessoa já passou por nossa vida, ou ainda vai passar.

[...] Temos que ter em mente que as pessoas que não são merecedoras de nossa confiança não usam roupas especiais, não possuem um sinal na testa que as identifiquem, tampouco apresentam algum perfil físico específico. Elas são muito parecidas conosco e podem nos enganar por uma longa existência (SILVA, 2008, p. 53).

Como visto, não há uma regra ou estereótipo definido de um psicopata. Ele pode estar em qualquer nível social, religião, sexo, etc. Por isso, ninguém está livre de se deparar com esses indivíduos que tanto causam medo.

O Maníaco do Parque

Figura 1: Francisco de Assis Pereira (Maníaco do Parque).



Fonte: Bauer (2010).

Francisco de Assis Pereira trabalhava na época de seus crimes como motoboy e ficou conhecido como Maníaco do Parque, uma vez que atacava suas vítimas no Parque do Estado, que se localiza na cidade de São Paulo. Como não poderia ser diferente, o mesmo alega ter vários traumas sexuais. O primeiro ocorreu ainda na sua infância, quando aos seis anos de idade sofreu abuso sexual pela tia materna, que por sua vez, tinha as mesmas características da maioria de suas vítimas, tais como: jovem, seios fartos, cabelos pretos e pele clara.

Já na fase adulta, foi seduzido por um patrão, o que pode tê-lo despertado para a homossexualidade e teve seu pênis quase arrancado pela boca por sua namorada gótica, o que resultou em dores sempre que Francisco praticava suas relações sexuais. Os casos tiveram início em 05 de julho de 1998, com os primeiros cadáveres encontrados. Nesse mesmo dia, foram localizados quatro corpos de mulheres em diferentes estados de decomposição, que possuíam o mesmo *modus operandi*, o que levou a polícia a acreditar que se tratava ali de um matador em série.

A partir daí, começou uma busca incessante da polícia pelo assassino de todas essas moças. Durante as investigações, o delegado constatou que havia registros de tentativas de estupro no referido Parque do Estado, na cidade de São Paulo, o que muito contribuiu, pois foram colhidos novos depoimentos dessas vítimas, uma vez que ajudaram a construir um retrato falado do criminoso.

Aos poucos, a polícia foi conseguindo chegar ao paradeiro do indivíduo, que foi encontrado escondido na casa de um pescador localizada no interior do Rio Grande do Sul.

[...] Apesar de não ter resistido à prisão, o Maníaco negou ser o autor dos crimes. Disse na delegacia de Itaquí que esteve escondido, antes, na Argentina, tendo ido até a Buenos Aires. Francisco chegou à casa do pescador no início da noite, pedindo para tomar um banho. Segundo a mulher do pescador, ele estava na região, pescando no Rio Uruguai, pelo menos desde quinta-feira da semana passada. O suspeito, que usava cavanhaque, pediu para tomar um banho afirmando que atravessaria o Rio Uruguai de balsa para se encontrar com uma namorada na cidade argentina de Alvear, de dez mil habitantes. Disse que queria encontrar a namorada limpa e cheirosa [...] (BAUER, GUILHERME, 2010, s/p).

104

Após a apreensão de Francisco, a polícia colheu seu depoimento, que durou cerca de 70 horas. Depois de confessar os crimes, o maníaco afirma que gostava de ver o pavor estampado no rosto das moças e que muitas vezes deixava de sair de casa para não cometer maldades, pois o mesmo alegava que a vontade de praticar crueldades era completamente incontrolável.

Após ser capturado pela polícia, o que mais impressionou as autoridades foi como alguém feio, pobre, sem muita instrução, não portando revólver ou faca, conseguiu convencer nove mulheres, algumas até de classe média-alta e nível universitário, a subir na garupa de uma moto e ir para o meio do mato com um homem que tinham acabado de conhecer. Ao ser interrogado, o Maníaco do Parque relatou que, para isso, bastava falar aquilo que as mulheres queriam ouvir. Francisco cobria todas de elogios, se identificava como um fotógrafo de moda de uma revista importante procurando novos talentos, oferecia um bom cachê e convidava as moças para uma sessão de fotos em um ambiente ecológico. Dizia que era uma oportunidade única, algo predestinado, que não poderia ser desperdiçado (BAUER, GUILHERME, 2010, s/p).

Pereira confessou o assassinato de 11 mulheres, porém, foi encontrado apenas o corpo de nove delas e respondeu pelos crimes de homicídio, roubo, estelionato, estupro e ocultação de cadáver. Assim, por unanimidade, o júri o considerou culpado e capaz de responder por seus atos, deste modo, a pena do maníaco no total chegou a 162 anos e 04 meses de reclusão. Na cadeia, Pereira recebeu diversas cartas de mulheres que se diziam apaixonadas. Atualmente, ele ainda está preso, se converteu à religião evangélica, está casado e acredita estar vivo até hoje por misericórdia de Deus.

Pedrinho Matador

Figura 3: Pedro Rodrigues Filho (Pedrinho Matador).



Fonte: O Aprendiz (2011).

Pedro Rodrigues Filho nasceu no interior de Minas Gerais, com um ferimento no crânio, em decorrência de um chute desferido pelo próprio pai na barriga de sua mãe durante a gravidez. O instinto criminoso veio cedo para Rodrigues Filho, que logo seria conhecido como Pedrinho Matador. Foi aos 14 anos que ocorreu o seu primeiro crime. A vítima era o vice-prefeito de uma cidade do interior de Minas Gerais por ter demitido seu pai que, na época, trabalhava como guarda escolar.

Porém, o que as pessoas não poderiam imaginar era que a trajetória criminosa de Rodrigues Filho estava apenas começando e não demoraria muito para que ele fosse considerado o maior *serial killer* brasileiro. Responsável por mais de 100 homicídios, ele é acusado, inclusive, pela morte do próprio pai, depois que este matou sua mãe, e, segundo Pedrinho Matador, o motivo que o levaria a cometer tal crime, seria apenas para vingar-se da morte de sua genitora.

Pedrinho pisou na cadeia pela primeira vez em 24 de maio de 1973 e ali viveu toda a idade adulta. Em 2003, apesar de já condenado a 126 anos de prisão,

esteve para ser libertado, pois a lei brasileira proíbe que alguém passe mais de 30 anos atrás das grades. Mas, por causa de crimes cometidos dentro dos presídios, que aumentaram suas penas para quase 400 anos, sua permanência na prisão foi prorrogada pela Justiça até 2017. Pedrinho contava com a liberdade para refazer sua vida ao lado da namorada, uma ex-presidiária cujo nome ele não revela. Eles se conheceram trocando cartas. Depois de cumprir pena de 12 anos por furto, ela foi solta e visitou Pedrinho no presídio de Taubaté (BAUER, GUILHERME, 2010, s/p).

Dentro da prisão Pedrinho matou 47 pessoas, entre companheiros de cela e amigos feitos ali, a maioria por motivos fúteis. Para provar que matar faz parte de seu instinto, o matador em série tatuou no braço esquerdo a seguinte frase: MATO POR PRAZER. Com isso, não há dúvida de que estas são as características perfeitas de um verdadeiro psicopata.

CONCLUSÃO

Por todo exposto, fica claro a importância do presente estudo, uma vez que, embora seja fato a existência de assassinos em série, não é fácil a tarefa de identificá-los em nosso meio social, já que são indivíduos aparentemente normais e que se utiliza de artifícios para atrair suas vítimas de maneira quase imperceptível.

Não é certo generalizar a condição do assassino em série como um indivíduo portador de doença mental, tendo em vista que o que os modifica é a questão dos sentimentos que lhes faltam, em especial a empatia. Sendo assim, o tratamento penal dispensado a eles deveria ser baseado num estudo do perfil psicológico, pois, como visto os assassinos em série praticam crimes, em geral homicídios, com características muito semelhantes.

O objetivo principal foi levantar uma pesquisa sobre assassino em série, evidenciando o que este agente criminoso tem de particular que o diferencia do cidadão comum, com relação ao seu comportamento sofisticado e premeditado. Deste modo, observa-se que as manifestações do comportamento delinquencial do assassino em série gira em função da personalidade do criminoso e de seu inseparável contexto social.

Como visto no tocante à imputabilidade, o assassino em série é responsabilizado por seus atos, tendo em alguns casos que submeter-se a medida de segurança, dependendo de cada caso, como rege o artigo 26 em seu parágrafo único do Código Penal.

Portanto, percebe-se que se trata de um assunto complexo, pois envolve importantes áreas do conhecimento científico para tentar compreender o perfil do sujeito ativo desses crimes que tanto aterrorizam a sociedade, desta forma, seria louvável que as

autoridades policiais aceitassem essa realidade. Com isso será solucionado, de forma mais rápida e eficaz, evitando que se tenham mais vítimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSASSINO em série. In: **Wikipédia**, 10 out. 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Assassino_em_s%C3%A9rie>. Acesso em: 25 out. 2021.

BALLONE GJ. O que são psicoses. **Psiquweb**. 2005. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=289>> Acesso em: 29 nov. 2021.

_____. O que são neuroses. **Psiquweb**. 2008. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=288>> Acesso em: 26 nov. 2021.

_____. Transtornos da Personalidade. **Padre Felix**. 2000. Disponível em: <<http://www.padrefelix.com.br/psicologia30.htm>> Acesso em: 24 nov. 2021.

BALLONE, GJ; MOURA, EC. Personalidade Psicopática. **Psiquweb**. 2008. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=72>> Acesso em: 02 dez. 2021.

BARBOSA, Iomar. Limites e Modificadores da Capacidade Civil e Penal. **Amigo nerd**. 17 set. 2006. Disponível em: <<http://amigonerd.net/trabalho/31717-limites-e-modificadores-da-capacidade>> Acesso em: 25 jan. 2021.

BAUER, Guilherme. Serial Killers: crimes, histórias, razões: Maníaco do Parque. **Loucos e perigosos**. Rio Grande do Sul, 15 fev. 2010. Disponível em: <<http://loucoseperigosos.blogspot.com/2010/02/historia-francisco-de-assis-pereira-tem.html>> Acesso em: 17 jan. 2021.

_____. Serial Killers: crimes, histórias, razões: Chico Picadinho. **Loucos e perigosos**. Rio Grande do Sul, 27 jan. 2010. Disponível em: <<http://loucoseperigosos.blogspot.com/2010/01/nome-completo-francisco-costa-rocha.html>> Acesso em: 15 maio. 2021.

BRASIL. **Código Penal e Constituição Federal**. 47. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CAPEZ, Fernando. **Curso de direito penal: parte geral**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. v. 1.

CAPRIGLIONE, Laura et al. “Fui eu”. **Veja**, São Paulo, ano 31, n.32, p.106, 12 out. 1998.

CASOY, Ilana. **Serial Killer: louco ou cruel?** 8. ed. São Paulo: Ediouro, 2008.

GALLO, Rodrigo. Nosso primeiro serial killer. **Guia do estudante**. São Paulo, 01 jul. 2005. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/nosso-primeiro-serial-killer-434239.shtml>> Acesso em: 25 out. 2021.

Hayla Catherine MARTINS; Jordana Carmo de SOUSA. ASSASSINOS EM SÉRIE: UMA ANÁLISE DO SUJEITO ATIVO DO CRIME SOB UM OLHAR PSICOLÓGICO. **JNT- Facit Business and Technology Journal**. QUALIS B1. FLUXO CONTÍNUO. JULHO/2022. Ed. 38. V. 1. Págs. 94-107. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.